

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno..... 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 4 — VOL. III.

Sabbado 29 de Janeiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno... 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — De Nova York a S. Petersburgo, por terra — Educação — A cidade do Castello Branco — A villa de Castello Rodrigo — Galeria historica, continuação — A quinta do Freixo, sobre o rio Douro — O castello de Chillon, sobre o lago de Genebra — Memorias do coração, continuação — O engeitado — A arvore do leite.
GRAVURAS — Brasões d'armas da cidade de Castello Branco, e villa de Castello Rodrigo — A quinta do Freixo, sobre o rio Douro — O castello de Chillon, sobre o lago de Genebra.

Historia da actualidade.

Parte telegraphica da America noticia que no imperio dominicano houve uma revolução. Não constam por ora os promenores.

— Houve um grande tremor de terra na Jamaica.

— Já se trata de preparar as funcções com que madame Tournour diverte o publico frequentador da praça do Salitre. Foram escripturados tres gymnasticos inglezes.

— O 1.º de Fevereiro é o primeiro anniversario da installação da sociedade das *Varietades*. Prepara-se para essa noite uma peça nova, traducção do senhor Alexandre Caley, que nos dizem ser mui chistosa. Intitula-se: *Não volta aos cavallinhos?*

— Tambem para o mesmo theatro está escrevendo o senhor Joaquim Augusto d'Oliveira uma oratoria, genero dramatico que ha muitos annos se não representa em os nossos theatros.

— Subiu novamente á scena em S. Carlos a bem conhecida opera *Barbeiro de Sevilha*, e vae perfeitamente desempenhada.

— O governo da Irlanda fez prender o editor responsavel do almanak *Moore*, por julgar sediciosos os artigos n'elle insertos.

— O principe da Prussia, na occasião da abertura do respectivo parlamento, pronunciou um notavel discurso de idéas pacificas.

— O parlamento inglez foi prorogado para 3 de Fevereiro.

— A Austria vae augmentando de dia para dia o seu exercito na Italia.

— Tambem o governo piemontez guarnece activamente as suas fronteiras.

— Considera-se o casamento do principe Napoleão com a princeza Clotilde um meio do governo francez alcançar popularidade na Italia.

— A rainha mãe, de Hespanha, partiu de Paris para Roma.

— A cidade do Cabo da Boa Esperança vae ser unida com a Inglaterra por meio de um fio submarino, que deve passar por Mauricio e Aden.

— Na igreja de S. João da Praça tem-se feito importantes obras, a instigações da respectiva commissão coadjuvada pelo governo.

— Consta que a indemnisação que a Franca pede a Portugal pelo apresamento da barca *Charles et George* está fixada em 340000 francos.

— Em Padua, por occasião de um funeral, fizeram os estudantes algumas desordens, que foram promptamente reprimidas.

— Annuncia-se o casamento da princeza Carlotta, filha do duque Maximiliano de Munich, com o archiduque Luiz Victor, filho do imperador d'Austria.

— Diz o *Univers*, jornal religioso francez, que não está longe o dia em que a rainha de Inglaterra,

ra, e toda a sua familia se converta ao catholicismo romano.

— Os restos mortaes de Napoleão I parece que vão ser trasladados da igreja dos Invalidos para a cathedral de S. Dyonisio.

— Consta que a população de Pavia se nega a pagar as contribuições ao governo, e ameaça de morte o cidadão que as pagar.

— O imperador da Russia deve brevemente fazer uma visita a Londres.

— Uma mulher de Madrid acaba de dar á luz, de um parto, cinco filhos, vindo tres vivos, e dois mortos.

— O gabinete anatomico do collegio de S. Carlos em Madrid, recebeu um feto com quatro orelhas, quatro braços, e quatro pernas.

— Parece que se descobriu em Cracovia uma conspiração polaca.

— Inaugurou-se o caminho de ferro do Cairo a Suez.

— Morreu em S. Petersburgo, com setenta e dois annos de idade, o principe Basilio Dolgurwavy.

— As forças regulares da Servia constam de mil e quinhentos homens, e oito peças de artilharia.



Memorias do coração — Eduardo.

De Nova York a S. Petersburgo, por terra.

Chegou ha pouco a Nova York um tal mr. Smith, que foi secretario de mr. D. Collins, e se separou d'elle em S. Francisco da California. Fizeram ambos a volta do mundo, pois que foram de Nova York a S. Petersburgo, e d'esta capital se dirigiram, por terra, ás possessões russas no rio Amor. Esta viagem não durou menos de um anno, e louvam elles as provas de interesse e politica que receberam em tão longo trajecto.

Diz mr. Smith que a Siberia é um paiz muito diverso do que geralmente se julga: ha ali tres bellas cidades e outras povoações de condemnados e militares; e 'que o inverno não dura lá todo o anno, como o referem alguns historiantes.

A Siberia conta quatro milhões de habitantes, e entre a sua capital, que é Irskoutsk, e S. Petersburgo medeiam dez mil kilometros. Os comboyos que carregam n'esta segunda cidade fazendas, liquidos, e outros objectos de luxo para a primeira, gastam seis mezes a atravessar aquella distancia. Seria muito menos despendioso prover este paiz pelo rio Amor e California.

Os americanos julgam que o rio Amor é navegável por barcos de vapor, desde a sua foz até Chetad, que é uma distância de tres mil e quinhentos kilometros. De Chetad ao lago Baikal vão quatrocentos kilometros por uma estrada boa para carros, e onde ha estabelecida uma posta. No lago Baikal, a setenta kilometros seguindo o seu curso, desagua o rio onde está situada a cidade de Irskoutsk. Vapores atravessam ao presente este rio e o proprio lago, de sorte que as mercadorias partindo de S. Francisco só teriam a atravessar cem leguas por terra, effectuando-se por agua o resto do transporte.

Estes viajantes, no decurso da sua peregrinação, estiveram em Kyackta e Miamattschin. São duas cidades fortificadas, separadas por um campo onde ha feira, e uma linha de alfandegas: a primeira é russa, e a segunda chim. E ahí que se effectuam as transacções entre estes dois povos, e que os chins transportam em camellos os productos da sua industria. As transacções elevam-se ahí annualmente ao valor de trinta milhões de rublos.

Por Kyackta tontaram os americanos penetrar na China, dirigindo-se sobre Pekin, que está a mil e duzentos kilometros ao sul, e de combinação com um embaixador enviado de S. Petersburgo para regular com o imperador da China algumas demarcações do rio Amor, e que deram causa a discussões entre aquelles dois governos, depois de um tratado feito no tempo de Catharina a Grande; porém os chins recusaram-se a admittil-os no interior.

Os russos teem em Pekin um collegio e dez missionarios da egreja grega; mas não podem substituil-os senão de dez em dez annos, nem prover a alguma vaga que occorra entre os referidos peridos.

Finalmente, a provincia de Chetat, d'onde a capital tomou nome, é, segundo dizem os americanos, de espantosa fecundidade metallurgica: abunda o ouro, a prata, e o cobre. Em certos districtos está a exploração reservada ao governo, e n'outros é livre mediante um leve tributo pago ás autoridades.

Educação.

Dizia um escriptor que o principal destino das mulheres era agradarem, tanto pela graça physica de que a natureza as dotasse, quanto pela riqueza do espirito que a educação lhes houvesse proporcionado. Pensar assim, a respeito das mulheres, se não é pensar bem, pelo menos não é pensar muito mal.

A educação também ensina a aformosear-nos exteriormente. Um homem com a barba mal feita torna-se tão ridiculo como qualquer mulher desgrehada. A respeito da influencia da belleza, ou da correção do vestuario, e da precisão dos cuidados que prestamos ao nosso todo exterior, fica-se muitas vezes em duvida qual é mais excellente, se ter espirito graça e recursos intellectuaes, ou bom fado, bem talhado, e bonitas posições ou gestos.

Quantas coisas, por ahí, nos acontecem em sociedade, que não temos de agradecer senão ao nosso elegante vestuario? Em sociedade, tudo quanto moderadamente se fizer para parecer bem, não é inutil: chega até a ser dever restricto; dever de educação. E tão airoso é comprehender semelhante dever, como ridiculo despresal-o.

O gosto, ou antes a mania da imitação, predomina, desgraçadamente, entre nós, em tal excesso, que toca a meta do ridiculo!

Ha em ambos os sexos individuos que não teem nem sombras de consciencia de importancia alguma original; que fazem e dizem as coisas porque ouviram, ou viram fazel-as, ou porque algum jornal francez lh'as recommendou!

A analyse da sociedade, sendo dirigida por um espirito desassombrado, e por uma intelligencia regular, torna-se utilissimo estudo, cujo precioso fructo, bem sasonado pela razão, pode garantir contra a fome espitual a muitos desgraçados que por ahí se resentem d'esse mal terrivel!

E' neste sentidio que observamos a sociedade. A nossa critica tem, pois, um fim louvavel.

A educação das mulheres não tende, nem pode tender a engrandecer a sciencia, as artes, nem as

armas. O trabalho, e as fadigas que tal mister requer, sobre o serem absolutamente incompativeis com as forças de que a natureza as dotou, transornariam tanto a bella e seductora apparencia que de ordinario as caracteriza, que teriam de certo de ceder o titulo com que a sociedade distingue o sexo a que pertencem.

A sociedade não é composta de philosophos; tem mais poetas e idealistas: qualquer homem, com poucas excepções, é poeta e idealista quando trata de preencher o vacuo que a natureza lhe deixou no coração, já de proposito para ser occupado pela imagem d'uma mulher: n'esse caso, poucos deixariam de preferir uma formosa, e docil, a outra em cujo rosto o estudo profundo da sciencia tivesse murchado as rosas da mocidade, ou apagado o sublime brilho do olhar inspirador.

Uma mulher versada nos doces segredos de tornar feliz um homem, uma familia, é amabilissima; uma mulher formada em direito seria detestavel!

Nem uma nem outra, porém, caracterisam o typo das que constituem os enlevos da sociedade moderna.

A educação antiga tinha forçosamente de soffrer modificações. Soffreu-as com o desinvolvimento das idéas, e abriu o circulo de ferro em que estreitava o coração das mulheres, em relação á sociedade; mas corrompeu-se.

O gosto francez transornou-a: trouxe-lhe mais alguns capitulos que foram mal interpretados, e que lhe tiraram absolutamente, em vez de a corrigirem, todo o sabor do caracter portuguez. E a educação deixou de ser portugueza, sem que chegasse a ser franceza.

Hoje é inclassificavel: por isso a mulher portugueza é quasi indefinivel.

A imprensa foi muito tempo indifferente a semelhante mal; hoje, porém, trabalha contra elle, e espera corrigil-o com o tempo.

A educação antiga parecia tender a constituir a mulher escrava estúpida e submissa do homem: a educação moderna parece disposta a tornar o espirito das mulheres completamente inutil á verdadeira felicidade do marido.

A mulher *alvorçou-se* com a idéa da nova educação. Riuse de todos os *prejuizos* da avó, e olhou para o mundo pelo prisma seductor e mentiroso que a sociedade moderna lhe apresentava mais para corrompel-a do que para civilisal-a.

Um dos agentes da nova e perigosa educação foi o escriptor insciente ou devasso. Não nos referimos exclusivamente ao livro immoral: esse produz menos damno no espirito da creança do que o romance, que lhe mostra todos os mysterios sociaes debaixo do veo do pudor e das conveniencias, seduzindo-a com a descripção falsa, e sancionando a seus olhos tudo que não stygmatisa senão com a reflexão passageira, apenas exarada para colorir, aos olhos da censura, a immoralidade que predomina em toda a obra.

Esses livros vieram-nos de fora; e, tornados mais perigosos ainda pelas traducções *lieves*, invadiram o santuario do recato, e destruíram o pudor, querendo destruir a ignorancia.

Em breve pela influencia d'elles, no centro da nossa sociedade que não era nem podia ser senão portugueza, appareceu um novo e indefinivel typo desinvolto, e caprichoso, que tão applaudido foi a despeito de todas as nossas conveniencias familiares.

Dé-se instrucção ás mulheres — dizia-se — destruindo no seu espirito a poesia sublime que era a felicidade das familias. Grito falso que produziu esta nova revolução de principios, no meio da qual vimos proclamar a obra da depravação sob o pomposo titulo de *emancipação* das mulheres.

Quando acima dissemos que a educação das mulheres não tende, nem pode tender a engrandecer a sciencia, nem as artes, nem as armas, não quizemos com tal proposição apoiar a ignorancia d'ellas. A ignorancia da mulher seria a desgraça do homem; assim como a sua instrucção precisa e conveniente é a felicidade, que muitas vezes o afaga após os longos periodos de uma existencia votada ao estudo, e ao trabalho.

Autorisemos, todavia, a nossa proposição com

a seguinte reflexão de um bom escriptor: «O profundo estudo da sciencia torna muitas vezes o homem pessoalmente inutil na sociedade; quanto mais a mulher, que tem menos força; quebrando assim os elos mais poderosos da cadeia social.

Não confundamos as missões dos dois sexos. Entendamos a educação como ella tem de ser para a perfeita felicidade social.

A educação da classe aristocratica, propriamente dita, não convem á classe proletaria, e muito menos á mediania social.

Embora a egualdade seja sonhada e appetecida: a distincção de cada uma d'essas classes hade subsistir, pelo menos em quanto a forma do governo não mudar, o que é incompativel com a indole do nosso povo.

A familia proletaria, que presta a uma filha a educação que distingue a classe aristocratica, não procura de certo assegurar-lhe um futuro completamente feliz, se esquece crear no espirito d'ella as bases necessarias para o edificio d'aquelle viver inteiramente domestico, cheio de recursos de economia, e das sabias e previdentes leis que constituem a arte que deve illustrar o espirito d'uma boa dona de casa.

Tão ridiculo fóra para uma mulher aristocrata não saber ser mais do que *boa dona de casa*, quanto para uma mulher proletaria ignorar completamente o modo de merecer este titulo, em que se achia resumida toda a expressão de felicidade da sua familia.

Mas a idéa de familia proletaria, a idéa do seu viver domestico, e da sua verdadeira felicidade, extinguiu-se totalmente na grande revolução porque passou o espirito das mulheres.

Do centro de qualquer d'essas antigas familias vereis brotar a alambicada filha, toda cheia de francezas, planta degenerada e quasi inutil que prova sobejamente o damno da moderna educação.

E perguntareis em vão ao seu espirito, aparentemente desinvolvido, que germen de fecundação possui para lançar no espirito de seus filhos; que genero de instrucção adquiriu para reger a sua casa; que idéa reserva para fazer a felicidade de seu marido; finalmente, que pensa de si, dos homens, e da sociedade em geral?

Num paiz, fulto de recursos, onde o trabalho é, por assim dizer, o unico meio geral de subsistencia, se a educação bem entendida fór desprezada, a miseria hade augmentar.

Acima da miseria que provém da falta de meios pecuniarios—que é remediavel—ha ainda outra: a do espirito, a da instrucção, a da intelligencia; e esta é mil vezes peor porque é totalmente irremediavel, e d'ella resulta o augmento da primeira, e de todos os males que podem affligir-nos.

Descendo a particularidades, em geral qualquer filha familia dirá em poucas palavras quaes as modas mais em voga em toda a Europa; mas se uma criada lhe perguntar como é que deve passar o ferro pelo peitilho de uma camisa, acreditamos firmemente que não dará resposta. Cremos também que se se lhe fizer qualquer pergunta a respeito do espirito da religião christã, a resposta não será mais satisfatoria; mas em compensação, tocará piano *gymnasticamente*, e fallara esse francez affectadamente pronunciado, que entre nós é de estylo ensinar quasi primeiro do que os rudimentos da lingua nacional.

E logo que o verdor da mocidade passe, e insensivelmente o mundo vá despindo-se, a seus olhos, das illusões que algumas idéas emprestadas lhe attribuiam, a mulher hade forçosamente viver em contradicção consigo mesma; entre coisas que não entende; no meio de necessidades a que não sabe acudir; tornando-se muitas vezes ridicula aos proprios olhos, que é de todos os martyrios moraes o peor.

Não basta educação luxuosa: é preciso que seja adequada ás aspirações rasoaveis do educando; compativel com o seu futuro mais provavel; em harmonia constante com os costumes do paiz e com as necessidades da sua vida domestica.

Quando os paes tenham levado em vista, na educação de seus filhos, estas pequenas observações, terão desempenhado cabalmente perante Deus e os homens os deveres absolutos da sua posição.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

A cidade de Castello Branco.

A doze leguas de distancia da cidade da Guarda, para o sul, e a quatorze da villa d'Abrautes para o sudoeste, está situada a cidade de Castello Branco em logar elevado, na provincia da Beira Baixa de que é capital.

Não ha noticias certas sobre a epoca e autores da sua fundação. Sabe-se, porém, que é de origem antiquissima. Alguns cippós, e outras pedras com inscrições romanas, achadas dentro da cidade, e nos arredores por occasião de se abrir alicerces, ou demolir muros, provam que ali existiu alguma povoação importante no tempo da dominação romana.

Um nosso distincto escriptor, que se deu muito ao estudo d'antiquidades, chamado Gaspar Alves de Lousada, encontrou fundamento n'aquellas pedras para se convencer e afirmar, que ali teve assento a cidade romana de *Castralenca*, e que das suas ruinas saiu Castello Branco.

As memorias mais certas d'esta terra datam do reinado de D. Sancho I, que lhe deu foral. D. Sancho II na doação, que fez d'ella pelos annos de 1229 a D. Simão Mendes, mestre dos templarios, menciona-a como povoação importante. El-rei D. Diniz fez-lhe a segunda cerca de muros, com quatro portas, chamadas do Pelame, de Santiago, da Traição, e do Oiro; e com sete torres. A primeira cerca, que era mais pequena, e o castello são obra muito mais antiga. D. João II deu-lhe o titulo de notavel.

El-rei D. José I elevou Castello Branco á cathedra de cidade, e obteve do papa Clemente XIV, que a erigisse em sede episcopal, desmembrando-se do bispado da Guarda o territorio de que se formou a nova diocese.

Edificada em uma encosta, tem esta cidade as suas ruas com grande declive, e sem construcções notaveis. Na parte mais alta está o velho castello, bastante arruinado, que foi fundado pelos templarios, e que pela extincção d'esta ordem passou para os cavalleiros de Christo. Dentro do castello ainda se vêem as casas em que residiam os commendadores. Os ultimos que ali viveram foram D. Fernando de Menezes, e D. Antonio de Menezes, que se retiraram para Lisboa logo depois da aclamação de D. João IV.

A antiga igreja matriz tambem ficava dentro da fortaleza, pelo que se denomina Santa Maria do Castello. Arruinada nas guerras da restauração contra a usurpação castellhana, mudou-se para a ermida de S. Braz, contigua ao mesmo castello.

A outra parochia é a sê, que antes da erecção d'este bispado era dedicada a S. Miguel, e que depois foi consagrada, como todas as cathedraes do reino, a Nossa Senhora da Assumpção. É um templo de uma só nave. A fachada, ornada de duas torres um pouco acanhadas, é singela e sem elegancia. Está situada em uma praça fora dos muros.

Havia em Castello Branco dois conventos de frades, ambos extra muros, um de religiosos da provincia da Soledade, da invocação de Santo Antonio, e o outro de eremitas de Santo Agostinho. Tem esta cidade varias capellas, casa de misericordia, e dois hospitaes.

O palacio episcopal é reputado o melhor edificio d'este genero em toda a provincia. Tem annexos uma quinta e bons jardins. Foi mandado fazer pelo bispo da Guarda D. Nuno de Noronha para sua residencia de campo e dos seus successores. O bispo D. João de Mendonça fez muitas obras e sformoseamentos tanto no paço, como na quinta e jardins. Tudo, porém, se acha actualmente em grande decadencia.

Os suburbios de Castello Branco abundam em cereaes, legumes, e hortaliças. Não produzem muita quantidade de fructa, mas a que ali se cultiva é de excellente qualidade, principalmente as peras do tarde, que são afamadas em todo o reino.

Passam pelo termo d'esta cidade, em alguma distancia, os pequenos rios Ponsul, Ocresa, e Liria, que criam algum peixe miudo. Se se der credito a uma tradição d'aquellas terras, a meia legua de Castello Branco, junto ao rio Ponsul, no sitio ao presente chamado — o porto dos Belgayes, existiu uma cidade em eras remotas, denominada *Belcacia*.

Conta Castello Branco uma população de seis mil e oitocentas almas, e é a residencia d'um governador civil, d'um general, commandante da divisão militar, d'um juiz de direito etc. O regimento de cavallaria n.º 8 tem ali o seu quartel. Fazem-se n'esta cidade as seguintes feiras: No 1.º de Janeiro, e a 4 de Outubro, que duram tres dias; e mercado na primeira e terceira segunda-feira de cada mez.

No antigo regimen gosava esta cidade de voto em côrtes, onde os seus procuradores tinham assento no banco setimo. Tem por brasão d'armas um escudo coroadado, e n'elle um castello de oiro em campo vermelho.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Castello Rodrigo.

Está edificada esta pequena villa e antiga praça d'armas em logar alto e forte por natureza, na provincia da Beira, comarca de Trancoso, d'onde dista sete leguas para o nordeste, e tres da cidade de Pinhel para o noroeste.

Os nossos antiquarios fazem derivar a sua fundação dos turdulos, quinhentos annos antes da era christã. Pondo de parte estas opinões, ordinariamente faltas de bom fundamento, e partindo de epocas menos remotas, e mais conhecidas, diremos que, achando-se aquella povoação quasi inteiramente arruinada e abandonada dos seus moradores em tempo d'el-rei D. Diniz, este monarcha a mandou reedificar e povoar em 1296. Por essa occasião ahi fez construir para sua defesa um forte castello.

A proximidade em que se acha esta povoação da fronteira hespanhola, foi causa de padecer tantos damnos nas guerras, que se atearam entre os dois paizes em diversas epocas; mas principalmente no reinado de D. Fernando, e no começo do de D. João I, que outra vez chegou a deploravel estado de ruina, em tempo d'el-rei D. Manuel, que a restaurou, e lhe deu foral pelos annos de 1509.

Quando D. Filippe II de Castella se viu senhor de Portugal pela força das armas, e talvez ainda mais pelas perfidias e traições de alguns desnaturados portuguezes, galardou os serviços que lhe prestou D. Christovão de Moura com o titulo de conde de Castello Rodrigo. Filippe III elevou este mesmo titulo a marquezado.

Em Julho de 1664 veio pôr-lhe sitio o duque de Ossuna com um exercito hespanhol. E no dia 6 d'esse mez e anno foram os sitiados derrotados, e levantado o cerco pelo exercito portuguez commandado pelo primeiro visconde de Fonte Arcada.

A villa de Castello Rodrigo está situada sobre um monte, estendendo-se para o lado do sul. É cercada de muros, com treze torres. O seu castello merece ser visitado pelos curiosos d'antiquidades. Tem duas portas, chamadas do *Sol*, e de *Alverca*. No centro ergue-se a torre de menagem de muita altura, toda de cantaria, de forma quadrada, com seis grandes janellas. Dentro d'este castello vê-se ainda o palacio arruinado, que ali mandou construir D. Christovão de Moura, o primeiro conde e primeiro marquez de Castello Rodrigo, que era obra de boa architectura. Junto á porta da Alverca, da parte de dentro, ha um poço bem construido, de bastante profundidade, e abundante d'agua potavel. E no sitio denominado Alvaca, tambem no interior da fortaleza, existe uma cisterna, aberta na rocha, e com sessenta e tres degraus.

Tem esta villa uma unica parochia, da invocação de Nossa Senhora do Roque Amador, que está situada no meio da povoação. Tem hospital e casa de misericordia, e tres ermidas.

Nos arbabaldes ha varias fontes, de que se abastece a villa, e que regam algumas hortas e pomares. O termo é extenso, e produz cereaes, algum vinho, muitas pastagens, onde ha criação de gado, e abundancia de caça. O rio Aguiar, que o banha, e que vae desaguar no Douro, fornece alguma pesca.

A um quarto de legua da villa está o antigo edificio do extincto mosteiro de Santa Maria da Torre de Aguiar, fundação de D. Afonso Henriques, e que pertenceu aos monges de S. Bernardo. Foi um santuario ao qual concorriam outr'ora muitas ro-

marias. Na egreja está a sepultura do celebre christista-mór do reino frei Bernardo de Brito.

Castello Rodrigo, hoje de bem pouca importancia, e com uma população diminutissima, na antiga organização do paiz tinha voto em côrtes com assento no banco decimo primeiro.

O seu brasão d'armas é um escudo com as armas reaes ao revez, a parte superior para baixo. Foi um dos castigos, que infligiu a esta villa el-rei D. João I, porque os seus habitantes, seguindo o partido de D. Beatriz, filha do nosso rei D. Fernando, e mulher de D. João I de Castella, na guerra da successão, recusaram dar entrada áquelle soberano, quando por ali passou em direcção á praça de Chaves.

Dizem que a villa tomou o nome do seu castello, e do seu primeiro alcaide-mór, chamado Rodrigo. Andava este cargo na familia dos viscondes de Fonte Arcada.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Galeria historica.

Continuação.

O CONDE DE TOLOSA.

Ao lado do Cid vencedor já o conde Raymundo de Tolosa tinha adquirido gloria combatendo os moiros, no reinado de Afonso o Grande.

Este guerreiro era da escola do famoso Godofredo, e seguia de perto aquella typo maravilhoso da valente cavallaria christã.

Em recompensa dos seus primeiros feitos d'armas contra o inimigo da christandade, em Hespanha, obteve a mão da princeza Elvira, honra esta que o elevou á alta classe do reino, a que já aspirava, e tinha direito, tanto pelo nascimento como pelo seu comportamento militar.

O conde de Tolosa era de temperamento em que a idade difficilmente influiu. Todas as nobres paixões da mocidade lhe existiam ainda no coração, a despeito das cãs que já principiavam a cobri-lhe a cabeça. Parecia não querer descansar senão no tumulto.

Ao clamor dos christãos do Oriente, dizimados pelo ferro sarraceno, o conde de Tolosa tomou o commando de um exercito, que á sua voz se organizou para marchar contra os infieis.

Mais respeitado pelo seu talento militar e pela coragem que o distinguia, do que estimado pelas suas virtudes, era um chefe de confiança em cujas bandeiras andava o prestigio que muitas victorias difficeis lhe tinham grangeado. A ambição era o seu mais pronunciado sentimento.

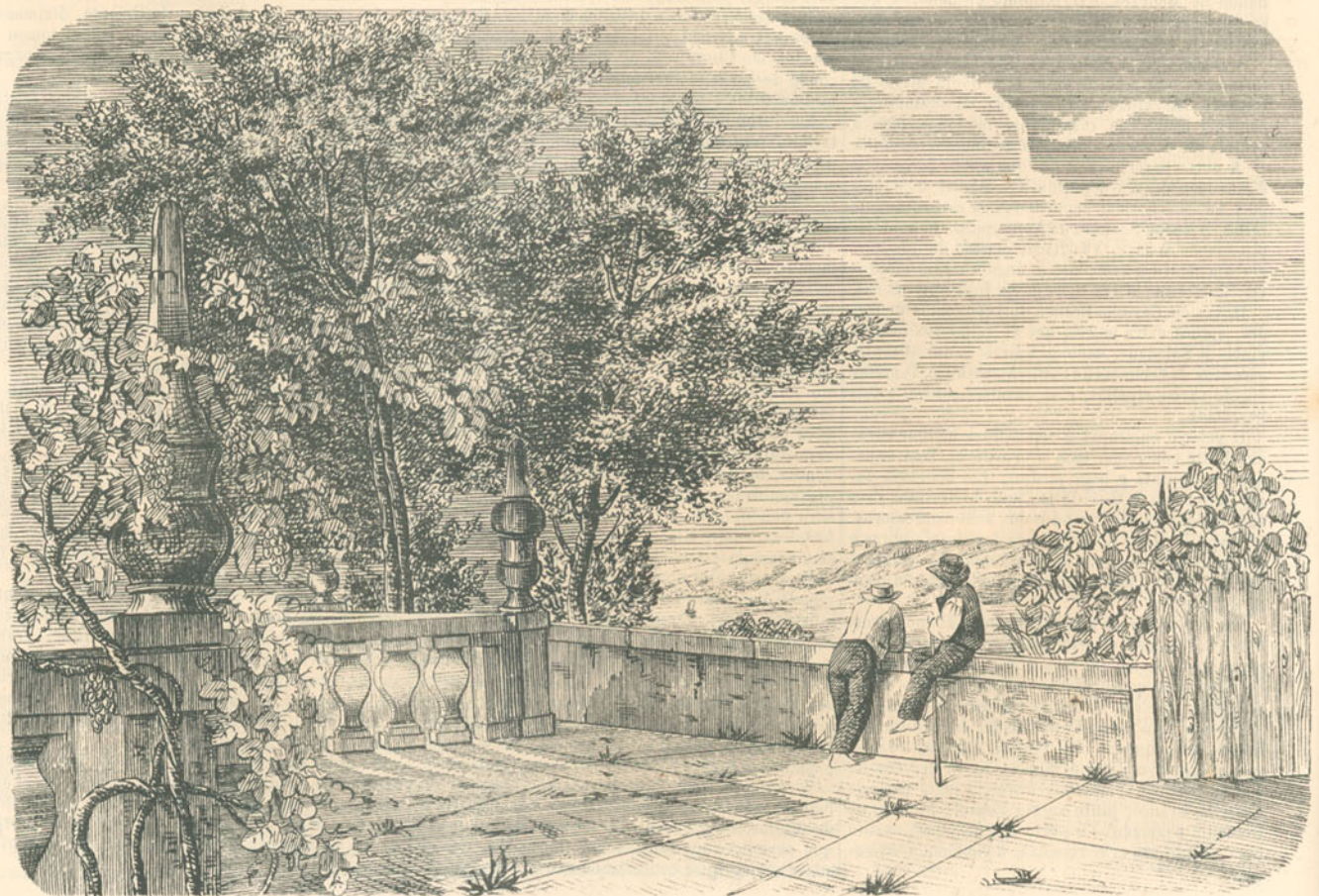
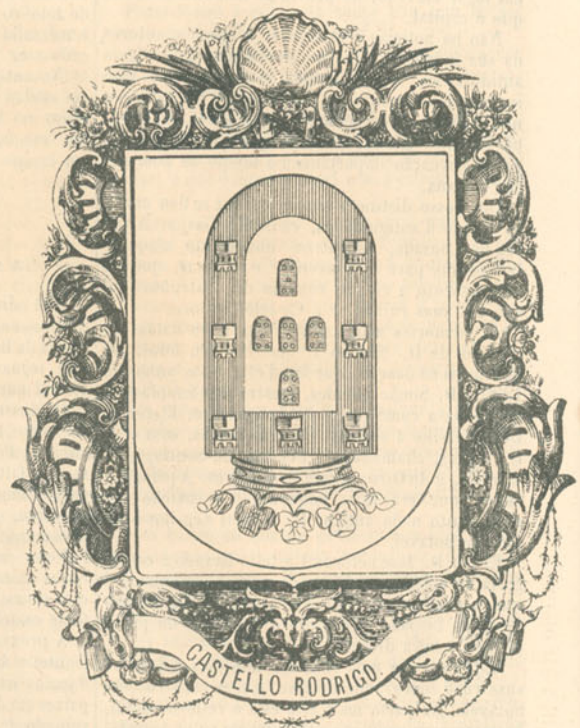
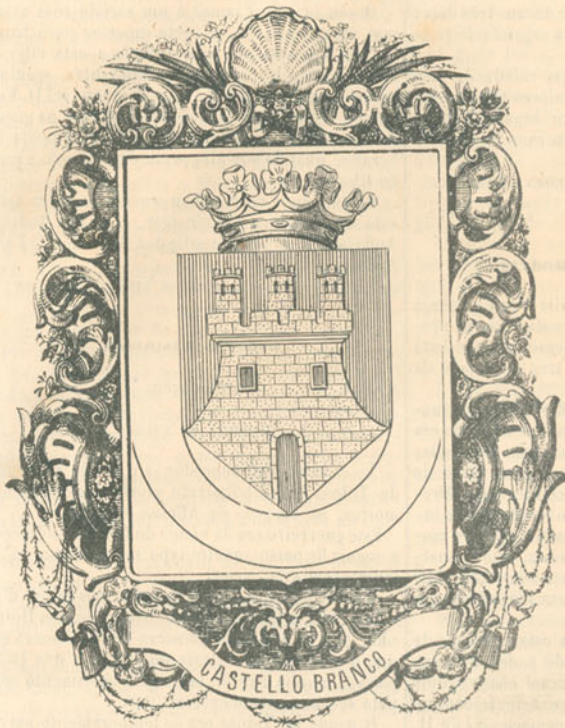
Acompanhado pela princeza Elvira e sua filha, marchou o velho guerreiro com destino ao Oriente, onde contava saciar a sede que ainda sentia de novas glorias. Durante o reinado de Godofredo, distinguio-se em todos os combates, principalmente no cerco de Jerusalem, onde parecia fortalecido por uma potencia superior que inspirava respeito aos seus e aos inimigos invencivel medo.

Este heroe teria sido um exemplo magnifico, e digno da commemoração da posteridade, se a inveja mal entendida não tivesse manchado as ultimas paginas da sua historia.

O conde de Tolosa, na batalha de Ascalão, acabaria de dar o ultimo traço no famoso retrato da sua pericia militar, se a inveja, mordendo-o, não o fizesse pensar que essa praça era mais um floirão que devia juntar-se á corôa de Jerusalem na frente do valente Godofredo.

Para fazermos perfeita idéa do comportamento do conde de Tolosa n'aquella batalha, basta dizer que, segundo refere um escriptor, na historia arabe de Jerusalem um poeta musulmano dirige ao conde alguns versos cujo sentido é o seguinte:—«O christão! venceste com a espada do Messias! Heroe! a terra não tinha ainda visto um exemplo da tua victoria contra o visir Afdal!»

No ardor da peleja, mandou o conde um dos seus cavalleiros á cidade intimando-a para depor as armas e arvorar a sua bandeira; vendo porém que os infieis resistiam, podendo contar com a victoria no fim de algumas horas se as suas forças conti-



Prespectiva do freixo. Porto.



O Castello de Chillon sobre o lago de Genebra.

nuassem a manobrar de accordo com as de Godofredo, mandou repentinamente tocar a retirar, preferindo deixar a cidade em poder dos infieis, a vê-la sujeita ao seu rival.

Esta retirada inesperada causou assombro a Godofredo, que a tomou por um acto de mal entendida estratégia: os defensores da cidade executaram uma saída repentina sobre as primeiras linhas, que, movidas pelo signal de retirada, pouca resistencia fizeram, e quasi abandonaram vergonhosamente a peleja, apesar dos esforços de Godofredo, que não comprehendera o sentido verdadeiro do procedimento do conde.

No cerco d'Arsauf succedeu o mesmo; porém d'esta vez, comprehendendo Godofredo o sentido exacto d'aquella tactica, cortou habilmente a retirada ao conde, e offereceu-lhe batalha.

A lucta fratricida devia ser terrivel; mas o esforcado e generoso Tancredo, e mais alguns barões, collocando os seus cavalleiros entre as duas fileiras rivaes, conseguiram evitá-la, e apasiguar aquelles dois espiritos, allucinados.

Godofredo e o conde abraçaram-se como bons irmãos, e juraram solemnemente, sobre a cruz da espada, eterna alliança; mas o conde, não tendo podido satisfazer sua ambição, abandonou pouco tempo depois a Palestina, que devia, depois d'aquella ultima cruzada, ficar entregue apenas ao esforço de trezentos cavalleiros, á sabedoria de Godofredo, e á heroica espada de Tancredo, que fizera voto de acabar seus dias na Terra Santa.

O conde de Tolosa retirou-se para Constantinopola, e ali recebeu do imperador o principado de Loadicca, que o ligava politicamente aos interesses do imperio. Por esse tempo, a noticia da conquista de Jerusalem excitava tal enthusiasmo no Occidente, que de todos os pontos corria gente a alistar-se.

Em breve appareceu em Constantinopola um exercito de perto de quatrocentos mil homens, cuja indisciplina causou grandes estragos na capital do imperio grego, inquietando o imperador a ponto de o obrigar a recorrer ao auxilio do seu novo aliado, o principe de Loadicca.

Os peregrinos pareciam dispostos a demorar-se; Raymundo não podia recusar o auxilio pedido pelo imperador; propoz portanto aquelle exercito o seu commando, e conseguiu assim livrar Constantinopola do damno que os seus indisciplinados hospedes lhe causavam.

À frente de um exercito irregular, que caminhava ao acaso, e cujo fim era apenas o roubo, conheceu o conde de Tolosa a inconveniencia da sua posição; e querendo livrar-se d'ella procurou encontrar-se com um exercito turco, que andava em observação, para offerecer-lhe batalha.

Os seus desejos foram emfim coroados: as guardas avançadas appareceram á brida solta, fugindo em frente do terrivel aspecto do turco.

A peleja não tardou; as forças christãs diminuíam dizimadas pelo experimentado ferro dos aguerridos soldados inimigos. Um corpo de reserva, com que Raymundo contava para cair sobre elles quando as primeiras linhas estivessem derrotadas, debandou aterrado pela carnificina que estas tinham soffrido. A situação tornou-se mais seria: Raymundo refugiu-se no cume de um escarpado monte, seguido pelo conde de Blois, e ali resistiram, á entrada do desfiladeiro, ao ataque d'alguns chefes inimigos que os perseguiam.

Cansados uns e outros de um combate sem resultado resolveram pactuar. Os turcos seguiram a marcha que os christãos lhes tinham interrompido; e estes, retrocederam no caminho que tinham encetado sem plano algum.

D'este modo, tendo o conde de Tolosa satisfeito os desejos do imperador, retirando de Constantinopola aquelle exercito; e os d'este, empenhando-o n'um combate com os inimigos da cruz, podia com a consciencia tranquilla dizer que não tinha faltado ao seu compromisso com o primeiro, nem atraçoado o segundo.

Poucos annos depois, o conde de Tolosa, no cerco de Tripoli, sendo ferido na cabeça; teve de abandonar o combate, e perder todas as esperanças de satisfazer os restos da sua ambição.

Os seus ultimos momentos foram citados pela centricção verdadeiramente christã de que deu evi-

dentos provas, no perdão que pediu das suas culpas aos amigos que o rodeavam; e no fervor com que recebeu os ultimos sacramentos, encomendando á misericordia de Deus a familia que ia deixar na viuvez e na orphanidade.

A Palestina, cansada de luctar, principiou a sentir-se da influencia civilisadora do christianismo. As populações concentraram-se; a politica resumiu-se, e os christãos poderam enfim dormir sobre os loiros das suas conquistas.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

A quinta do Freixo, sobre o rio Douro.

São mui formosos os arrabaldes da cidade do Porto. A natureza foi ali bem generosa, e a industria dos homens não tem deixado de secundar pelo seu trabalho e amor á agricultura a generosidade da natureza. Serras alcantiladas e musgosas; prados sempre verdes; arvores seculares e gigantes; extensos e frondosos bosques; mil fontes de purissimas aguas; e o rio Douro de margens vicejantes, tão amenas, tão lindas e variadas; todas estas bellezas naturaes, ora harmonisando-se em formosura, ora contrastando para maior realce do quadro, compõem em torno da cidade variadissimos paineis, qual mais bello e gentil nos grandes traços, qual mais mimoso nos adornos, e mais cheio de vida e animação.

Porém de todos os sitios mais pittorescos d'esses arrabaldes, nenhum, por certo, é mais encantador do que o da quinta do Freixo. As formas esbeltas e grandiosas de um palacio de quatro esplendidas fachadas, rematadas em quatro aros torções, e ornado exteriormente com essa profusão de esculpturas em pedra, que constitue uma das principaes feições da architectura chamada do renascimento das artes; os jardins que o cercam, orlados de balaustradas, vasos, e pyramides; o arvoredor, que se lhe ergue nas costas, com o throno, subindo pelo dorso de uma pouco elevada colina; o Douro, que vem banhar-lhe os muros dos jardins, e que, descrevendo em frente d'elles uma larga volta, ali se ostenta como um amplo lago; defronte os copados bosques da quinta de Nossa Senhora da Oliveira, elevando-se em amphitheatro pela encosta de um monte, descobrindo e occultando a espaços o jardim, o templo, e as casas, que foram convento de religiosos; por todos os lados margens cobertas de florestas, e as arvores entremeadas de casas; tantos encantos reunidos n'um só logar surpreendem e captivam os olhos, enleiam o pensamento, e extasiam a alma!

A pessoas de illustração e bom gosto, e insuspeitas como estrangeiras, que visitaram o lago de Como, e outros não menos celebres na Italia e na Suissa, ouvimos asseverar, que não viram nas suas viagens paisagem mais formosa e risonha do que a do Freixo.

No terceiro quartel do seculo passado pertencia esta magnifica propriedade a Vicente de Noronha Cernache. Depois levou-a em dote uma sua filha para a familia do senhor visconde de Azurara.

N'esta mudança de senhor trocaram-se na quinta do Freixo o movimento e a vida em tristeza e solidão, as galas em nudez, as flores dos jardins em plantas bravias, os lagos em charcos das aguas do inverno. Os viveiros de passaros, e as grutas de embrexados encheram-se de hervas parasitas, entulharam-se de calça e de fragmentos dos seus proprios ornatos; e as esculpturas do palacio, e as balaustradas dos jardins cobriram-se de pó e de bysso. Aos esplendores d'aquella habitação de principe succederam-se o desamparo e a miseria. Com mais alguns annos de abandono todas estas obras de tanto custo seriam um montão de ruinas.

Foi n'estas circunstancias, que outra mudança de senhor lhe restituiu a sua passada prosperidade, acrescentando-lhe ainda novas galas e mais ricos adereços. O senhor Velado, que ha um anno, ou pouco mais, fez acquisição, por compra, da quinta do Freixo, vac restaurando tudo com muito acerto, gosto, e riqueza. Em breve pois esta residencia, que parecia condemnada a dar precoce testemunho de como são passageiras na vida do homem e na sorte dos monumentos a gloria e a grandeza, será, sem

duvida, uma das mais sumptuosas de Portugal, como é, cremos nós, a mais deliciosamente situada.

A estampa, que acompanha este artigo, copiada de outra tirada ha annos pelo senhor Forrester, do Porto, representa a extremidade de um dos terrados lateraes do palacio do Freixo, que caem para dois grandes pateos ajardinados.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O castello de Chillon sobre o lago de Genebra.

Uma pagina da historia da cidade d'este nome.

O vasto lago de Genebra tem a forma de uma meia lua, cujas pontas se estendem, de um lado por espaço de doze leguas até á formosa cidade de Genebra, e do outro até ás fronteiras do cantão de Valais, onde recebe as aguas do Rhodano.

Nas margens pois d'este lago, não longe da pequena cidade de Villa Nova, ergue-se o castello de Chillon, antiga prisão d'estado, celebre pelas bellezas da sua situação, e ainda mais pelas recordações historicas de subida gloria, e de um grande infortunio, que andam ligadas áquellas muralhas feudaes. Foi nas masmorras d'este castello, que o illustre Bonnivard, depois de ter obrado tantos feitos gloriosos, expiou em longo e terrivel captivo a sua heroica dedicação pela mais nobre e honrosa causa, que o coração do homem pode abraçar, a santa causa da independencia e liberdade da patria contra a oppressão estrangeira.

A historia do prisioneiro de Chillon tornou-se para a Suissa em uma lenda santa, que tem passado de geração em geração, sempre contada pelos paes com enthusiasmo e devoção, e ouvida sempre pelos filhos com admiração e respeitoso recolhimento.

Na epoca em que os duques de Saboya procuravam estender com a espada os limites do seu ducado, Genebra, cidade livre e imperial, achava-se situada quasi no centro dos seus estados, pois que o territorio de Vaux, de Gex, de Bresse, e de Bugy estavam então sujeitos áquelles principes.

Não tinha Genebra para sua defesa castellos ou muralhas torreadas. Mesquinha cerca de fracos muros, em muitas partes interrompidos pelas paredes de varias habitações exteriores, constituia a unica fortificação da cidade. Mas apesar da sua pouca segurança, e dos ambiciosos visinhos, que a cercavam por quasi todos os lados, conseguia Genebra manter a sua independencia contra as usurpações dos duques de Saboya até ao principio do seculo xvi. Conseguira-o, oppondo a taes tentativas os direitos de soberania do seu bispo, que gosava do titulo de principe.

A casa de Saboya, porém, não se resolvia a renunciar á sua empresa. Quando lhe falhava um meio, recorria a outro. Andando assim de plano em plano, chegou a alcançar que uma creatura inteiramente dedicada aos interesses de Saboya fosse o arbitro dos destinos de Genebra.

João Francisco de Saboya, ramo bastardo da familia ducal, eleito bispo de Genebra pela influencia de seus reaes parentes, apenas se viu investido do poder soberano, tratou de vender covardemente os seus novos subditos em 1533, esforcando-se quanto pôde para submitter o principado á autoridade de seu primo, o duque Carlos iii, que alguns annos depois se desposou com a nossa infanta D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manuel.

Foi então que se levantou na cidade trahida uma heroica resistencia. Entre os mais valentes cidadãos, que se consagraram á defesa da liberdade da patria, distinguiram-se tres homens, cuja memoria se conserva ainda hoje viva, e religiosamente venerada na cidade de Genebra. Pecollat, Berthelier, e Bonnivard, são os nomes d'esses tres homens, que, expondo a todas as provas o valor, e a coragem, que os animavam, sellaram com o seu sangue o seu amor da patria e da liberdade.

Os generosos esforços dos tres illustres patriotas excitaram contra elles o odio implacavel do duque de Saboya. Pecollat foi a primeira victima do resentimento e da vingança de Carlos iii. Lançado no fundo de escuro carcere, e ahí martyrisado com os mais atrozes tormentos para lho arranca-

rem a denuncia dos seus infelizes companheiros, cortou a lingua com os dentes, e arremessou-a ao rosto dos seus algozes, afim de lhes tirar toda a esperança da confissão, que pretendiam extorquir-lhe no meio das dores do corpo e da desesperação da alma.

Em quanto o desditoso Peçollat assim acabava seus tristes dias, Bertheliet, obrigado a refugiar-se em Friburgo, soube por tal modo excitar as sympathias dos friburguezes em favor da sua patria, que logrou contratar uma alliança offensiva e defensiva entre aquella cidade e Genebra.

Quando constou ao duque de Saboya, que o homem por elle perseguido tão encarniçada e inutilmente se achava, não só a salvo das suas iras, mas em circumstancias de poder prejudicar tanto os seus planos ambiciosos, socorreu-se á astucia e perfidia, e poz em obra quantos meios pode offerecer a sedução para atrahir aos seus interesses tão perigoso adversario.

Bem sabia Bertheliet, pelo tragico successo d'aquelle seu misero companheiro, a que sorte de perigos o expunha a sua tenaz resistencia, e muito mais no momento em que um exercito de sete mil saboyanos estava batendo ás portas de Genebra. E comtudo o intrepido genebrez rejeitou com desprezo as propostas de Carlos III, e communicando a sua coragem ao conselho geral de Friburgo, fez com que este confirmasse, possuido de verdadeiro enthusiasmo, aquelle tratado de alliança no dia 6 de Fevereiro de 1519.

Carlos de Saboya conseguiu apossar-se de Genebra; mas antes de ter tempo para firmar o seu poder, e commetter violencias, foi constrangido por Bertheliet, á frente dos friburguezes, a sair da cidade, e abandonar a sua conquista.

Não desistiu o duque dos seus projectos: mudou sómente de tactica. Fingiu retirar-se do theatro dos acontecimentos, e em seu lugar fez apparecer e obrar activamente o bispo, cujos direitos, na qualidade de principe de Genebra, não podiam ser contestados pelos seus subditos, nem pelos friburguezes, alliados d'estes. Portanto o bispo, que se retirara da cidade desde o começo da lucta, entrou novamente n'ella seguido de um exercito saboyano em Agosto de 1519.

Este successo fez mudar o aspecto ás coisas. A legitima autoridade do bispo paralyzava os bons desejos, e quebrava as forças aos friburguezes, que, destemidos e valentes contra o usurpador, não se atreviam a oppor-se ás ordens do legitimo soberano.

Bertheliet, posto que no meio dos seus alliados, estava ameaçado de grandes perigos, pois que d'esta vez já consummar-sea usurpação pacifica, tyrannica, e quasi legalmente. Aconselharam-lhe então todos os seus amigos, pediu-lhe a sua familia com os maiores extremos, que fugisse, e procurasse salvar-se de uma morte tão certa, quanto inutil para a causa da patria.

O illustre genebrez tomou em taes circumstancias uma resolução verdadeiramente heroica. Conhecendo a estima em que o tinham os seus alliados, e crendo que só um ultraje sanguinolento seria capaz de os tirar da apathia, e forçal-os a obrar energeticamente em auxilio do povo, decidiu sacrificar-se pela patria.

Não quiz fugir; deixou-se prender; entregou a espada, que tão valerosamente defendera a liberdade dos seus concidadãos, com a nobre altivez de um heroe, e dispoz-se para o supplicio com a mansa resignação de um justo. Condemnado á morte pouco depois, subiu ao cadafalso com passo firme e singular presença de animo. No momento em que já dirigió ao povo o seu ultimo adeus, e talvez uma exhortação, o carrasco deixou cair o inextinguivelavel, fazendo rolar a seus pés a cabeça do justicado.

Tal foi o deploravel fim d'esta heroica existencia. Certo dia em que Bonnivard, seu emulo em valor, coragem, e devoção civica, declarava estar prompto a sacrificar a sua liberdade pela independencia de Genebra, Bertheliet jurou que daria a vida pela regeneração do seu paiz. E cumpriu bem á risca o seu tremendo juramento.

Bonnivard não foi menos fiel ás suas promessas, nem menos firme e corajoso no meio das duras provas, porque passou. Dos tres illustres campeões

da liberdade de Genebra foi este ultimo o mais desgraçado pela longa duração do seu supplicio, porém o mais feliz por sobreviver ao infortunio.

Francisco de Bonnivard não era filho de Genebra, mas tomara esta cidade por sua patria adoptiva. A rectidão do seu animo, a bondade do seu coração, a energia de sua alma, a pureza das suas intenções, a elevação dos seus pensamentos, a sabedoria dos seus conselhos, a extensão dos seus conhecimentos, e o brilho e penetração do seu espirito, adquiriram-lhe em toda a cidade o maior respeito e as mais vivas sympathias.

Bonnivard pagava a estima publica, que lhe tributavam todos, dedicando-se do coração ao serviço de Genebra, empregando toda a sua intelligencia e esforço no desenvolvimento da prosperidade publica, na manutenção dos direitos populares, na guarda da liberdade, e na defesa da independencia nacional. Assim pois Genebra sempre o achou do seu lado, e entre os seus mais zelosos e ousados defensores contra a ambição do duque de Saboya, e contra a oppressão e traições do bispo.

Quando, porém, o dedicado Bonnivard viu mallogrados os seus esforços e sacrificios, e a cidade, que tanto amava, entrada e senhoreada pelo rancoroso Carlos III, tentou esquivar-se ás perseguições do usurpador, buscando um asylo na cidade de Friburgo. Mas foi atraído ao caminho, e entregue ao duque, que o mandou preso para Groler, não se atrevendo a justicá-lo, pela muita affeição que o povo lhe professava. Dois annos esteve ali encarcerado, e apenas recobrou a liberdade para cair de novo nos ferros de Carlos III.

Esse pouco tempo em que pôde dispor de si, tornou a quebrar lanças pela sua patria adoptiva. Mas depois de muitas tentativas em vão, e de baldadas proesas, foi novamente lançado no fundo de uma masmorra. D'esta vez, porém, segurou-se o duque de Saboya para que a sua victima não tornasse a escapar-lhe, e ordenou que o encerrassem nas prisões do Castello de Chillon.

Nesta fortaleza, destinada aos prisioneiros de estado, e cujos carcereiros são cavados nas rochas submarinas, que lhe servem de alicerce, jazeu seis annos o desventurado Bonnivard.

A prisão principal d'este castello é subterranea, e muito inferior á superficie das aguas do lago. Tem a forma de um templo de tres naves, divididas por duas fileiras de grossos pilares, que sustentam a denegrida abobada. A luz cõa-se a furto atravez de estreitas frestas, espalhando-se fraca e lugubre pelo immenso espaço d'aquelle pavorosa masmorra.

Ainda ali se mostra o logar, e o proprio cepo, onde se faziam as execuções, e em alguns dos pilares as argolas de ferro a que prendiam os pobres captivos.

Foi a um d'estes pilares, que Bonnivard esteve preso com uma corrente, que o cingia pelo meio do corpo, não lhe deixando mais terreno de seu do que até ao logar onde ella podia chegar. Em torno do pilar ainda se vêem nas lages gastas e cavadas os signaes do continuo gyrrar d'aquelle infeliz dentro de tão curto circulo.

Segundo o testemunho dos proprios carcereiros era admiravel a constante resignação de Bonnivard no meio de tantos horrores e privações.

Mas por sua fortuna este horrivel martyrio teve um termo, sem ser o da vida. No anno de 1536 os valerosos habitantes do cantão de Berne apoderaram-se do paiz de Vaud, a que pertence o castello de Chillon, e libertaram a Bonnivard, que assim tornou a gosar da luz do dia, e voltou a ver os seus amigos, e a sua querida Genebra, então já livre dos seus tyrannos politicos e religiosos.

A cidade de Genebra apossou-se a dar provas da sua gratidão a Bonnivard, e a indemnisação dos males, que tinha padecido. Concedeu-lhe as honras e prerogativas de cidadão da republica. Fez-lhe doação do palacio, que pertencera ao vigario geral, com uma pensão annual de duzentos escudos d'oiro; e admittiu-o ao governo do estado, como membro do conselho dos duzentos.

Desde essa epoca o carcere de Bonnivard converteu-se em um logar de peregrinação. aonde concorrem continuamente de todos os pontos da Suissa os que mais sabem apreciar as virtudes civicas,

o verdadeiro heroismo; os que mais presam as recordações gloriosas da historia patria; e os que mais se inflamam, emfim, no amor da terra, que lhes serviu de berço. Todos esses aspiram á honra de gravar o seu nome no duro pilar, que foi testemunha de tantos soffrimentos, e de tão christã resignação, como um tributo de homenagem á memoria veneranda do cidadão virtuoso, sabio, e benemerito, e como um protesto solemne contra a tyrannia.

Viajando lord Byron pela Suissa em 1816, não se esqueceu de visitar o castello de Chillon. O distincto poeta desceu pressuroso aos carcereiros subterraneos, e lá deixou no celebrado pilar um signal da sua visita áquelle pavoroso logar, um testemunho da sua admiração e respeito pelo illustre prisioneiro de Chillon, e um documento da elevação e sublimidade do seu estro.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

Continuação.

VII.

Havia bastantes dias que Eduardo não ligava á idea casa senão o sentido de um tumulto onde ia sepultar-se para se esquecer. Dormia dias inteiros! e quando se levantava, o coração ainda continuava a dormir.

A cama, dizia elle muitas vezes, era a sua unica felicidade.

Atirou-se a ella: foi feliz: dormiu.

Quando acordou era alta noite. Levantou-se, abriu as janellas, accendeu luz, e tirando de uma medalha uma trança de cabelo negro, beijou-a repetidas vezes.

— Com que sentido concede uma mulher uma trança do seu cabelo? Pensava elle. Julguei sempre que semelhantes dadas involviam um pensamento d'amor reflectido. Enganei-me. Dão o cabelo... por costume: por um costume, de que o uso fez uma lei estúpida, que não nos autorisa a crer na duração do sentimento. Deverei eu conservar este penhor, que não é penhor; esta lembrança, de quem não se lembra; este rifo, symbolizado, de semsaborias? queimemol-o... Não que é d'ella! Passemos d'ella no mundo. Vejamos quanto devo ao meu alfayate. É uma distracção.

Abriu a carta que, como dissemos, o criado lhe tinha entregue antes de sair.

Empallideceu de repente; passou a mão pelos olhos, riu-se, enxugou o pranto que borbulhava nas palpebras turvando-lhe a vista; e com a carta aberta diante de si, não acreditava, não tinha dados para acreditar na mão que a escrevera nem na escripta que se lhe offercia.

O seu nome estava escripto no alto do papel.

— E ella ainda escreveu o meu nome pensando em mim! Dizia elle; e eu tive esta carta em meu poder doze horas sem a ler! E dormi quasi ao lado d'ella, Todavia, quem sabe se faço mal em a ler.

Ora uma carta, que tivessemos capitulado de missiva d'alfayate, transformada repentinamente no seguimento da correspondencia de uma mulher querida, que nos tinha dissuadido já do seu amor, é um phenomeno tal que, participando simultaneamente do ridiculo e do sublime, tem um cunho particular maravilhoso muito acima dos esforços mesmo de uma penna melhor aparada do que a nossa!

Eduardo, depois de um momento de silencio, leu.

« Talvez já saibas que estive hontem no theatro, onde fui na intenção de ver a tua comedia-drama. O titulo que lhe deste já me tinha agradado muito... E da grande commoção que recebi do interesse d'aquelle composição de sentimentos tão elevados e descriptos com tanto fogo e poesia, nasceu-me o desejo de te escrever, felicitando-te, como tua sincera amiga, pelo triumpho que tens recebido e que tanto soubeste merecer! Qualquer pessoa, que aos olhos do mundo pensasse bem, devia rejeitar semelhante desejo; eu quero porém rea-

lisa-o. Porque motivo um publico indifferente tem direito de mostrar-te que entendeu e apreciou os teus pensamentos, e eu não!!? Porque existiram entre nós certas relações que não podiam continuar? Será essa razão bastante para impedir-me de te dizer que admirei e senti?

«Tenho sempre hesitado em acreditar se ha ou não amor. Hontem estabeleceste o meu juizo. Não ha. Foi-me pena deixar de fazer por ti o que a tua heroina fez pelo teu heroe; mas conheço que não foi minha a culpa de ter seguido o meu dever, e de não estar ainda hoje arrependida de o ter seguido. A's palavras que um dia te escrevi, confesso, com alguma ironia—já não é moda morrer d'amor—e que tu soubeste muito a proposito desenvolver-me na tua composição, respondo que posto ser fabula esse sentimento, quem sabe se outro existe mais sublime, que pela primeira vez conhecido, não admitta a possibilidade de ser suplantado ainda pelo mais forte dos que já conhecemos? Era a um igual sentimento que eu desejara chamar amor; e se o amor fosse como eu entendo que devia ser, e como tu soubeste descrevel-o, que dever na sociedade deixaria então de lhe ser immediatamente sacrificado? Eduardo, quando cedi ao desejo de te escrever, fiei-me na tua honra; e certa estou de que hasde satisfazer o que vou pedir por tudo que para ti ha de mais sagrado, não só n'este mundo, mas na eternidade:—que ninguem... ninguem saiba que recebeste a minha carta; e que este segredo fique para sempre existindo entre nós e Deus!

«Tambem debes entender que não quero que me respondas!

«Não respondi ás tuas ultimas cartas porque desejando, a todo o custo, acabar as nossas relações, era inutil continuar uma correspondencia em que ellas teriam forçosamente de morrer! Acredita porém, Eduardo, que sou e serei sempre tua amiga.»

Continua.

ALFREDO HOGAN.

O engeitado.

..... Passou a infancia
Nos annos que lá vão...
Já dorme o existir, mas vela a ancía
Dormiremos um dia em muda estancia
D'uma campá no chão!
D. CAROLINA DA V. CASTELLO-BRANCO.

I

«Sou infeliz engeitado
Despresado
Do seio de minha mãe,
Como a debil, secca folha
Que se esfolha
Do tronquinho que a sustém!»

«Sou a folha que sedento
Leva o vento,
Conduz dos ares além...
Sou a planta já murchada
Qu'isolada
Não vê, não ama ninguem!»

«Triste p'lo mundo passo,
Pranto escasso
Desejo verter em vão;
Se nos olhos o não ha
Que será
Do pobre em sua afflicção?»

«Nunca tive esses folguedos
E brinquedos
Que todos na infancia tem;
No berço colhi só 'spinhos,
Os carinhos
Não tive de terna mãe!»

«Sou um phantasma que passa,
Que ameaça
Fugindo depois errante;
A mentida sombra escura
Que não dura
Que s'escoa n'um instante!»

«Surgindo de cahos profundo
Vim ao mundo
E d'elle tombei no pó!
Da vida que a magoa cresta
Que me resta
Mais do que lagrimas só?!...»

«Mais tarde medrei, cresci,
Reflecti,
E c'um suspiro, e um ai
Alguem eu interroguei,
Perguntei:
Meu Deus! quem será meu pae?»

«Fui á corrente, á bonina
Da campina,
Á flor mimosa do prado;
Quem sou? Digam. — Responderam,
E disseram:
— És o filho renegado!...»

«Ainda assim não fiz termo;
Fui ao ermo,
Aos montes, á solidão;
Minha mãe quem é? — Tornaram,
E bradaram:
— O crime... a prostituição!...»

«Tal martyrio não é pouco;
Vaguei louco
Pela vasta soledade...
Então mil eccos surgiram,
Repetiram:
— Eis o filho da maldade!»

«Cai prostrado em delirio,
Qual o lyrio
Vergado ás iras do norte.
— O' meu Deus, s'omnipotente
Sois elemento,
Dae-me pela vida a morte!»

«Da vida tão doce encanto
Só em pranto
Amargo, se me tornou;
Fugiu-me depois a crença
Dór immensa
Meu peito dilacerou!...»

II

«Engeitado! a sorte minha
O que não revela ao mundo?
Quem n'esta vida mesquinha
Não lê mysterio profundo?...
— Quem não vê em minha vida
Repassada de martyrios
D'espinhos uma corôa,
Quando immersa nos delirios
A minh'alma já perdida
Saindo do peito vóá!...»

«O fado que me persegue
Que negro fado não é?
O martyrio que me segue,
E me rouba d'alma a fé!
Meu passado de tormentos
Foi concerto de lamentos
Que jámais ouviu alguem;
Era o rugido do peito,
Que espedaçado, desfeito,
Maldizia minha mãe!»

«As angustias passam lentas
Rápidas as alegrias,
São mil vozes cruentas
Mil blasphemias, agonias...
O futuro que me espera,
Que futuro não será?
Deus o sabe, o ceo o guarda.
A dôr que me dilacera,
Que só tormentos me dá
Doce prazer me retarda...»

«Esse prazer qu'eu anhele
E' a morte triste e fria;
Sim, é esse o prazer bello
Que me volvé á alegria...
Vinde, vinde, pois ó morte
Arrebatá d'um só corte
A minha negra existencia,
Não m'assusta teu rigor,
Tu me sorrís com amor,
E me fallas com clemencia!...»

Continua.

H. VAN-DEITERS.

A arvore do leite.

Mr. Laet foi o primeiro que fez conhecer na Europa uma das mais curiosas produções vegetaes das regiões equinociaes: uma arvore que produz certa especie de leite, mui analogo ao da vacca. Este succo singular, que o barão de Humboldt viu empregar nos usos domesticos na herdade de Barbula, ha sido admirado pelos viajantes.

Possue todas as propriedades physicas do leite animal, e só differe em ser menos denso. Mistura-se facilmente com a agua, e tambem amarellece e engrossa na superficie á similhança da nata. Fervido não coagula, porém forma uma grossa pellicula amarella. Os acidos não fazem coagulação com este leite, como acontece com o de vacca.

Se o succo d'esta apreciavel arvore é agradável e nutritivo aos indigenas, quanto mais o será para o viajante que penetra n'aquellas elevadas e montanhosas regiões, exausto de fadiga, fome e sede!

Na estrada de Patito para Puerto-Caballo, todas as arvores d'esta especie que orlam o caminho estão cheias de incisões feitas pelos sequiosos viajantes, que ansiosos as procuram durante o transitio.

Não é porém só por este leite nutritivo que a dita arvore tem apreço tão subido. A natureza, sempre liberal, dotou-a com outra propriedade não menos util; é uma especie de cera, que se extrahé egualmente com muita facilidade.

Esta arvore parece pertencer á familia sapotáe, abundante na estrada de Ourmase para o nordeste de Maracovy, no declive norte dos Andes, e America do Sul.

Quando este leite vegetal se expõe á acção do ar, altera-se, e adquire um cheiro desagradavel, similhante ao de leite azedo: se acaso, porém, se lhe juntam algumas gotas de qualquer acido, pode ficar exposto ao ar por muito tempo sem alteração.

Se se conserva n'uma garrafa com rolha de cristal não se decompõe, porém torna-se mais grosso; e adicionando-se-lhe uma porção de agua recobra suas propriedades naturaes. Assim pode conservar-se por muito tempo inalteravel.

Quando este liquido é posto ao fogo, apresenta exactamente a mesma apparencia do leite de vacca, e forma na superficie uma pellicula que obsta á expansão dos vapores aquosos.

Repetindo-se a fervura d'este leite vegetal com o alcohol, produz-se uma substancia branca e fibrosa.

Ha pouco se descobriu tambem que a *carcea papaya* dá uma substancia mui similhante ao leite produzido pela arvore de que acabamos de fallar.

Continua a relação dos professores a quem é remettida a *Illustração*

DISTRICTO DE SANTAREM

Concelho de Ferreira do Zezere.

III.ªs Srs.

Pias — Manuel Godinho Cabral d'Araujo.

Dito da Gollegã.

Gollegã — Joaquim Antonio de Carvalho Junior.

Dito de Mação.

Envendos — Manuel Maria Alves Motta.

Dito de Villa Nova d'Ourem.

Perucha — Luiz Delgado Ribeiro da Silva.

Dito de Rio Maior.

S. João da Ribeira — João Augusto da Cunha.

Dito de Santarem.

Almoster — Antonio Carlos Ferreira Mathias.

Continua.